ENTRE FLORESTA E IGARAPÉS: UMA REFLEXÃO SOBRE O MÍTICO E O SIMBÓLICO NA FESTA DO JACARÉ DO POVO INDIGENA ASSURINI DO TROCARÁ

Maria Gorete Cruz Procópio¹
Nazaré Cristina Carvalho²

RESUMO

O presente estudo analisa a Festa do Jacaré, ritual realizado pelo povo indígena Assurini no Pará, povo falante do Tupi-Guarani e habitante da Aldeia Trocará no Município de Tucuruí. O aspecto central do ritual é o momento da captura da espécie de jacaretinga realizada por homens Assurini, principalmente, os considerados obedientes das regras mítica e simbólica dessa festa, seguido por dança com o animal.

Palavras-chave: Índios. Festa do Jacaré. Mítico. Simbólico.

*

Introdução

Na aldeia Assurini do Trocará podemos perceber através dos relatos de alguns de seus habitantes que muito dos seus traços culturais, estão sendo cada vez mais inseridos no cotidiano deste povo, mesmo em meio às mudanças que levaram a transformação de muitas práticas realizadas antigamente por esses sujeitos que buscam cada vez mais continuar repassando os saberes tradicionais, como de suas danças, suas músicas, seus ritos e muitos dos costumes, como forma de resistência e identificação étnica. Essas manifestações são inseridas não apenas pelos mais velhos e lideranças, que de certa forma são os porta-vozes da comunidade, e procuram sempre manter no cotidiano desse povo tais práticas, tendo as crianças e jovens como agentes de transmissão cultural, visto que é possível observar nos momentos de diversão e brincadeiras, que realizavam

¹ Prof^a Mestra, atuando como Técnica em Educação na Universidade do Estado do Pará-UEPA, E-mail: anjoete@yahoo.com.br.

² Prof^a Adjunta da Universidade do Estado do Pará-UEPA, atuando na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: n_cris@yahoo.uol.com.br.

de forma descontraída no centro da aldeia, através de danças, cantos e pinturas, que imitam as práticas e vivências dos mais velhos, e assim, repassam seu legado cultural para as novas gerações.

Nesse sentido, percebemos que a vivência do povo Assurini é carregada de danças, cantos e festas, tais características são parte atuante de seus traços culturais e religiosos, trazendo ao longo dos anos juntamente a seus habitantes um inestimável valor da diversidade cultural. Visto que as diversas festas de iniciação praticadas pelos Assurini em sua comunidade trazem consigo um grande valor religioso em sua realização fundamentalizando a religiosidade Assurini justamente porque tais festas apresentam em suas ritualizações fortes crenças míticas e ritos que são fatores caracterizantes da religiosidade indígena.

Em meio a tais festas, a Festa do Jacaré merece destaque pelo forte valor simbólico, mítico e religioso que a caracteriza. Para os habitantes da comunidade Assurini, essa festa é composta de um significado estreitamente interligado às práticas religiosas desse povo, possuindo uma grande complexidade em sua realização, exercendo todo um significado simbólico que caracteriza os traços religiosos e culturais dessa comunidade indígena.

A Festa do Jacaré é carregada de espiritualidade e sua participação é restringida exclusivamente aos homens, sendo que a mulher apenas pode observar, não havendo participação direta, podendo comer a carne do Jacaré somente após seu marido e os demais homens se alimentarem e levarem para suas casas a porção destinada às esposas. Da mesma forma, o próprio homem deve seguir as determinações estabelecidas no processo de ritualização, como por exemplo, se abster de relações sexuais nesse período, haja vista que podem ser remetidos de consequências graves se não seguir as determinações. Conforme os relatos dos Assurini, no passado já houve indígena que perderam a vida por desobedecerem as regras desse ritual que para eles é considerado sagrado.

Deste modo, o processo de ritualização dessa festa é muito minucioso, de modo que os Assurini precisam seguir com rigor todas as orientações de seu líder espiritual que nesse caso é o pajé, logo se desrespeitá-lo pode ser arremetido a graves consequências, que podem até lhe tirar a vida. Dessa forma, na cultura religiosa dos índios Assurini, na realização de suas festas, busca-se manter o respeito em torno da palavra dos mais velhos e

sábios da aldeia, e principalmente em torno da figura do pajé, mas devido a sua ausência, tal função é designada às demais lideranças que passaram também pelo processo de ritualização como forma de revalidarem e tornarem cada vez mais ativa a palavra dos mais velhos junto aos demais moradores da Aldeia Assurini do Trocará.

A festa como um evento multicultural

As festas são capazes de colocar em destaque os conflitos e as exigências de uma vida controlada de acordo com a própria natureza humana, a qual considera a religião e as festas como elementos que refazem e fortificam o espírito exausto da vida do homem, que possui uma dura rotina de trabalho, mas que no momento da festa tenta imaginar uma vida menos tensa e mais livre, mesmo que seja de forma momentânea.

Podemos entender a festa como um evento multicultural que perpassa por todas as culturas, sendo vista como um importante elemento para compreender os diferentes aspectos que caracterizam um grupo social. Essas discussões nos possibilitam dizer que as festas se incluem tanto nos estudos dos rituais festivos quanto nas festas rituais.

A festa religiosa acabou sendo definida como um excesso permitido, ou melhor, obrigatório, para a ruptura solene de uma proibição (DURKHEIM apud AMARAL, 1998, p. 15), em razão de que a festa possui uma função libertadora no decorrer de sua prática, porque realiza a transgressão do sagrado, manifestando a sacralidade das normas da vida social. Essas normas foram violadas por meio das alterações e das inversões da ordem nela estabelecidas pelas barreiras sociais, que tinham a função de fraternidade nas relações comuns que se instituíam no decorrer da vida, para separar e classificar os sujeitos que participavam das diferentes festas.

No Brasil colônia, os mandatários estabeleciam as medidas de normatização que deveriam ser usadas pela elite e pelo povo no momento de suas festas. Sustentavam uma farsa, das fantasias utilizadas para o divertimento entre diferentes culturas, se destacando, no caso do Brasil, a negra e a indígena, as quais viam os momentos festivos como um espaço comum para suas trocas culturais, visto que as festas coloniais eram embaladas pela cultura europeia. Outro momento festivo, segundo

Del Priore (1994, p. 13), ocorria na produção agrícola, que reunia os sujeitos para celebrar, agradecer ou pedir proteção para a repetição dos ciclos agrícolas que faziam parte da vida desses sujeitos.

Percebemos que essa é uma prática histórica que ainda está muito presente entre alguns grupos que compõem a nossa sociedade, como o dos índios Assurini, que até os dias atuais realizam algumas de suas festas, como a do mingau de inajá, para celebrar o momento de fatura desse fruto em sua comunidade.

A festa é um elemento de comunicação entre os diferentes grupos de nossa sociedade, de tal modo que ela acaba expressando a religiosidade que envolve esses sujeitos. A festa se relaciona com o homem e com a sociedade em toda sua existência, nos seus múltiplos aspectos, uma vez que todas as civilizações de todos os tempos reconheceram suas festas como uma ligação de sentimento e pertencimento de uma determinada comunidade (RUBIM, MIRANDA, 2012, p.8).

A Festa do Jacaré altera o cotidiano dos índios Assurini no decorrer de sua realização, pois eles não conseguem manter o tempo da festa inalterado, visto que, segundo Da Matta (1985, p. 35), nas festas o tempo pode ser acelerado ou vivido como tal, porque na rotina os espaços específicos estão equacionados socialmente à atividade específica, pois a festa envolve um cerimonial, um ritual e um momento solene.

A festa ritualiza momentos profanos e sagrados, os quais poderão estar relacionados ao grupo de acordo com sua instância comunitária que apresente um passado tradicional e busque manter atualizadas suas significações para expressar as relações simbólicas formadas no seu contexto social. Isso pode ser percebido na Festa do Jacaré na aldeia Assurini, em que os indígenas buscam reunir elementos que incentivem a continuidade de sua tradição, e a Festa é um momento que oferece oportunidade para expressar suas crenças e transmitir aos mais jovens seus conhecimentos e suas tradições.

As festas possuem a capacidade de produzir as fronteiras e os limites que giram em torno dos diferentes elementos que determinam a ideia de pertencimento de um grupo, de acordo com as dinâmicas que precisam constantemente ser ritualizadas. Segundo Tedesco:

as festas possuem conexões com os tempos sociais, coletivo, lineares e cíclicos da safra, o calendário e relógios expressam a multiplicidade de experiências do homem com o tempo, o espaço, a natureza humana, as

ideologias, as visões de mundo, a história do homem e sua construção social, para a vida em sociedade, envolvendo saberes e fazeres de sua relação com a natureza (TEDESCO, 2007, p. 27).

O ambiente festivo passa a se constituir como um local de expressão de tempo múltiplo e complexo, que possui uma função social capaz de incorporar a aprendizagem, partilhando conhecimentos de comunhão e comunicação, que legitimem e reconheçam a luta por suas interpretações ritualísticas de acordo com sua tradição cultural, de modo que as festas de determinados grupos sejam entendidas como um espaço carregado de historicidade que se centralize pelos vieses culturais de sua etnia, para que seja um evento arquitetado para tentar estabelecer a continuidade de um processo histórico que faz parte da vida de um povo.

Por essa razão, compreendemos que a festa é um importante campo de observação que projeta simbolicamente a representação de mundo de um determinado grupo social, como fazem os índios Assurini através de suas diferentes festas culturais.

Universo cultural dos Assurini: entre o mítico e o simbólico

O universo cultural dos Assurini é carregado de crenças, por isso é importante pensar em um povo que possui seus cultos, cantos, danças, calendários sagrados, pajés, rituais e festas, que são elementos característicos de sua tradição e que se manifestam no seu cotidiano por meio de suas práticas culturais.

As crenças e tradições estão presentes nas diversas festas dos Assurini, e algumas delas merecem destaque pelo forte valor simbólico e religioso que apresentam, como a Festa do Tabaco, o Ritual do Mingau de Inajá, a dança das Tabocas, a Festa do Peixe e a Festa do Jacaré, dentre outras. Nessa discussão damos destaque para a Festa do Jacaré, por ser uma das manifestações culturais que possuem inúmeros significados entre os habitantes da aldeia Trocará e por ser um ritual que está ligado às práticas religiosas desses indígenas por meio do seu simbolismo cultural.

Os rituais como da Festa do Jacaré são reproduzidos a partir da memória de seus anciões, em um intenso processo de ressignificação, de acordo com as características de seu grupo para a formação de uma identidade individual que busque entre esse povo um sentido coletivo de

pertencimento, para que cada vez mais os Assurini sintam-se fortalecidos na sua cultura. A Festa do Jacaré entre os Assurini busca reafirmar seus laços de pertencimento étnico e cultural, tendo em vista que essas festas apresentam características específicas de seu povo, de tal modo que esse é um processo que reforça a memória desses indígenas.

Compreendemos que a Festa do Jacaré é uma das cerimônias que preparam simbolicamente esses indígenas para manter contato com os seres sobrenaturais, os quais eles acreditam que estão presentes nesse ritual, no momento que estabelecem um forte diálogo com esses seres, de modo que essa festa só é realizada quando os Assurini precisam descobrir algo de errado que esteja acontecendo em suas aldeias, como, por exemplo, um namoro às escondidas, um desvio de verba e outros fatos que nesse caso possam estar ocorrendo e que poderá ser revelado por meio das letras das músicas próprias desse ritual. No decorrer de sua prática, gradativamente vão surgindo algumas das características das pessoas que cometeram um ato dessa natureza.

Diante disso, confirma a crença dos Assurini nos seres sobrenaturais que se manifestam nesse ritual, que é realizado somente em época de seca, nos meses de setembro ou novembro, considerado por esses indígenas um mês propício para a captura do Jacaré, que é o elemento principal dessa manifestação cultural e está relacionado ao calendário da atividade de caça, de modo que eles buscam realizar essa festa obedecendo os ciclos da natureza, quando fica mais fácil capturar os jacarés nos lagos e nos igarapés de sua reserva.

Por isso, faz-se necessário que os Assurini obedeçam o período adequado para sua realização, do mesmo modo que ela só deve ocorrer se eles conseguirem capturar o jacaré, já que esse ritual é também uma forma de os Assurini exaltarem o poder desse animal e o respeito que eles têm por todos os elementos que vêm da mãe natureza.

Essa festa foi destacada por Andrade (1992, p. 114) como uma inversão do ritual da Festa do Mingau de Inajá, em que as mulheres figuram como personagens centrais, ao passo que na Festa do Jacaré são os homens que oferecem o alimento produto da caça do jacaré, e as mulheres não podem participar diretamente desse momento festivo, pois as mesmas são consideradas como seres sensíveis ao espírito do mal, de modo que elas ficam apenas de longe, observando.

As mulheres, além de não poderem participar desse ritual, também não podem comer a carne do jacaré, a não ser que seu esposo, no decorrer do ritual, marque com um fio o pedaço de jacaré que ele deseja oferecer à esposa depois que ele e os demais homens tiverem se alimentado. O pedaço de carne, ao ser marcado, não poderá ser retirado por uma outra pessoa, e a mulher só pode comer o pedaço da carne do jacaré em sua casa, conforme afirmam os Assurini.

Ao se alimentarem do jacaré, os Assurini precisam enterrar os ossos em um buraco, para não correrem o risco de serem atingidos pelo feitiço que os mesmos chamam de Wareria e que, conforme esses indígenas, está presente nos ossos desse animal. Esse é um ritual no qual eles devem obedecer criteriosamente todas as suas determinações, inclusive a de se abster de relações sexuais nesse período, em virtude de que possam ter consequências graves caso não cumpram algumas de suas exigências.

Para os Assurini a desobediência das regras da Festa do Jacaré pode ser algo fatal na vida dos índios Assurini, em virtude de que esse é um ritual muito minucioso, por lidar com os espíritos que somente o seu líder espiritual, que nesse caso é o pajé, tem o poder de afastar. Por essa razão, eles buscam sempre manter o respeito em torno da figura do pajé, pois acreditam que ele é a pessoa mais preparada para lidar com os espíritos que se manifestam nesse ritual.

Para os Assurini, a Festa do Jacaré está relacionada ao sagrado e possui uma natureza mágica, vinculada ao seu ciclo de vida, considerando que ela se volta para a preparação dos jovens da comunidade para que no futuro possam vir a ser um pajé. Caso contrário, essas práticas podem estar condenadas ao desaparecimento, em razão das novas condições de vida dominantes em seus grupos.

Atualmente, os jovens não têm demonstrado interesse em dar continuidade às tradições de seu povo. Por essa razão, algumas festas rituais, como a do Jacaré, vêm se enfraquecendo entre os Assurini, que deixaram alguns anos de realizar essa prática cultural, retomada por eles em sua comunidade no ano de 2008. Acreditamos que a retomada desse ritual marca um processo de valorização de sua cultura tradicional, pois permite despertar no jovem o interesse em aprender os conhecimentos advindos dos pajés, que para esses indígenas são os que guardam a história que está nos cantos, nas rezas e nos mitos de seus rituais.

O falecimento do antigo pajé Nakawaé contribuiu para que houvesse o enfraquecimento nos rituais da aldeia, do mesmo modo que também deixou seu povo desprotegido, podendo ser afetado diretamente por diversos males que deixam os Assurini doentes. Entre eles, não existe mais um pajé como Nakawaé, a quem recorrer nos momentos que necessitam da cura para os seus males, pois esta era uma de suas funções enquanto pajé.

Esse fato revela que muitos dos valores tradicionais desses indígenas vêm sendo esquecido, provocando o declínio de rituais como esse realizado pelo pajé Nakawaé. Hoje, os Assurini estão vivenciando a falta de rezadores em sua comunidade, que conta apenas com alguns candidatos a pajé, haja vista que alguns conhecimentos fundamentais para a formação de um pajé se perderam com a morte dos seus maiores líderes espirituais, que tinham o poder de se comunicar diretamente com as divindades, de modo que até hoje os Assurini sentem sua falta, porque para eles o pajé é um grande conhecedor de seus rituais, e um dos maiores símbolos de sua religiosidade.

A festa de iniciação para a formação do pajé realizada historicamente pelos Assurini apresentava um caráter simbólico que manifestava parte do misticismo e da religiosidade desses indígenas que se utilizavam dessa prática ritualística para repassar ao seu povo muitos de seus conhecimentos tradicionais o que contribuía para eles manterem vivos os seus traços culturais. Fato como esse evidencia que, entre esses indígenas, existe uma luta constante para a transmissão de seus valores culturais e religiosos, considerando que a figura do pajé possui um papel importante para a continuidade de suas tradições.

Os Assurini possuem em suas aldeias uma das maiores representações simbólicas para a formação do pajé, que é a Tekatáwa, uma casa de ritual onde eles realizam todas as suas festas. Historicamente esse foi um local muito utilizado pelo pajé Nakawaé, que nela passava horas se preparando para participar das festas de iniciação do pajé, e também da Festa do Jacaré.

A Festa do Jacaré é um ritual realizado anualmente pelos Assurini, quando nessa ocasião eles se reúnem em uma de suas aldeias para a celebração desse ritual, que no passado era reservado somente para esses indígenas e hoje já permite a participação restrita dos não índios.

Entretanto, eles continuam mantendo alguns segredos desse ritual, principalmente aqueles presentes nas suas músicas e que não podem ser repassados para os não índios, em razão das consequências que podem levar à morte caso não mantenham os segredos dessa tradição.

Os conhecimentos advindos do ritual da Festa do Jacaré, conforme testemunho dos índios Assurini, teriam ocorrido mais vezes sob a liderança dos pajés Sakamiramé e Nakawaé, os quais participavam da realização desse ritual, que na maioria das vezes é conduzido pelos líderes mais velhos da comunidade, pois são eles que detêm um maior conhecimento sobre a cultura tradicional de seu povo, por isso são considerados como sábios.

Segundo os Assurini, para celebrar o ritual da Festa do Jacaré, é necessário que os homens sigam todas as suas exigências e também demonstrem para sua comunidade que possuem interesse em aprender todas as músicas e danças que envolvem esse ritual, de maneira que procurem sempre estar atentos aos conhecimentos repassados pelo pajé.

No dia da realização desse ritual, a aldeia escolhida para esse momento deve apresentar uma situação que permita oferecer estadia e alimentação para os convidados de outras aldeias, sobretudo para que se possa viver momentos de alegria, com muita tranquilidade, visto que essa festa deixa o povo Assurini muito feliz, porque eles buscam através nesse ritual reviver parte de sua história como nos tempos passados, quando ainda não possuíam o contato com o homem branco. Por isso, a Festa do Jacaré é um dos rituais mais importantes e complexos de sua tradição, pois dela dependem para esclarecer alguns fatos que possam ocorrer entre seu povo.

Considerações finais

Percebemos que o ritual da Festa, entre os Assurini, se insere nas tramas e teias de saberes existentes nas relações da vivência cotidiana desses indígenas, se entrelaçando nos atos da prática desse ritual, em que ocorre um processo intenso de transmissão dos conhecimentos tradicionais desse povo, por meio da oralidade, exaltando os elementos simbólicos, que nela existe tomando por base as referências do universo cultural desses indígenas.

Os gestos e as técnicas adotadas no decorrer do ritual da Festa do

Jacaré revelam os diferentes saberes que são transmitidos pelos índios mais velhos de sua aldeia, considerando que eles detêm um maior conhecimento a respeito da tradição de seu povo, e estão presente em todas as etapas e ciclos anuais desse ritual que faz referência ao calendário da caça dos Assurini. As etapas de preparação e execução da celebração desse ritual são realizadas anualmente para reatualizar os fazeres e dizeres de sua tradição que perpassam de geração em geração entre esses indígenas.

Os fazeres e dizeres presentes no ritual da Festa do Jacaré potencializam a ação educativa que se faz presente no momento da transmissão dos conhecimentos de diferentes saberes inscritos também nesse ritual, principalmente no decorrer de sua realização, em que podemos perceber alguns momentos de ensino e aprendizagem dos Assurini entre as gerações. Eles ocorrem no espaço de sua aldeia que tem um ambiente propício para esses momentos em que os indígenas também trabalham a construção da pessoa Assurini.

A interação simbólica, no universo cultural desses indígenas, dá o poder para pensar a relação do ser, do saber e do conhecer o seu mundo nas múltiplas formas de apreensão da realidade. Nisso reside a ação educativa do ser, no estar junto, no relacionar-se com o que há no mundo dos Assurini, e com o que há em si. Tais processos educativos estão imbricados ao sistema cultural, os quais existem como forma de educação compartilhada, que auxiliam na permanente construção do corpo social Assurini, implicando num modo de conhecer o mundo, o qual é herdado pela tradição do seu povo.

Fatos dessa natureza contribuem para que um ritual como o da Festa do Jacaré seja lembrado no universo cultural desses indígenas, pelos antigos habitantes de suas aldeias, que buscam por meio desses processos reforçar a importância da valorização cultural do seu povo, de modo que diariamente esses indígenas também estão exercitando outras práticas culturais como a pintura corporal, que faz parte de sua tradição, no sentido de fortalecer sua identidade étnica.

Assim, os sábios de suas aldeias nos dias atuais tentam despertar nos jovens o interesse pelas práticas de seus rituais, para que eles possam manter o conjunto de valores e possam garantir a continuidade dos antigos modos de viver de seu grupo, por meio das relações sociais internas desse grupo, que vêm tentando ser preservadas pela prática do ritual da Festa do Jacaré.

A partir desses fatores, percebemos que cultura Assurini se mantém viva entre seu povo, já que esses indígenas compreendem que a cultura é o que lhes identifica como sujeitos que possuem uma diferença cultural, principalmente quando os mesmos veem, no cotidiano de suas aldeias, jovens e crianças exercitando, por exemplo, a língua, a pintura corporal, danças e ritos que lhes são próprios, o que permite dizer que a cultura desse povo é carregada de sentidos e significados, que lhes são atribuídos com o poder de alegrar a vida e colocar em movimento os elementos contidos na natureza, e carregados de simbolismo, como, por exemplo, as pinturas corporais que podem simbolizar alguns animais de sua reserva.

Esses enunciados orais demonstram que os ritos e os mitos entre os Assurini possuem diversas formas de apresentação e finalidade no contexto desses indígenas e, por meio dessas práticas, demonstram a forte relação que possuem com o sobrenatural no cotidiano de suas aldeias, quando, através da mesma, expressam uma espécie de saudação aos elementos da natureza, evidenciando as diferentes formas e maneiras de invocar e louvar os seres sobrenaturais.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita de Cássia. **Festa à Brasileira**. Significados do festejar no país que “não é sério”. Tese (doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. 1998.

ANDRADE, Lúcia Mendonça Morato de. **O Corpo e o Cosmos**: relações de gênero e o sobrenatural entre os Asuriní do Tocantins. Dissertação (mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

PRIORE, Mary Del. **Festa e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

RUBIM, Linda; MIRANDA, Nadja. **Estudos da Festa**. Salvador: Edufba, 2012.

RAMOS, Alcida Rita. **Sociedades Indígenas**. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

DA MATTA, Roberto. **A Casa & a Rua**: espaço, cidadania e mulher no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1985.

TEDESCO, João Carlos; ROSSETTO, Valter. **Festas e Saberes**. Artesanatos, genealogias e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Ed. Méritos, 2007.